

JOSÉ CASTRO FERREIRA-PADRÃO

PERSPECTIVA



Hugo
rodrigues

edita-me

Fevereiro estava a meio, era quinta-feira, o dia parecia ser um como tantos já passados, iam poucos minutos das 15 horas, António estava em cima do escadote e dispunha os livros de forma organizada e aos existentes acrescentava os que Carlinhos, seu empregado há alguns anos, lhe ia chegando; vieram pela manhã mas logo mereceram do patrão a adequada atenção para os seus registos de entrada e respectiva inserção do preço ao público. Estavam só os dois até ao momento em que pela porta da Livraria, quase há quatro décadas e meia que existe, entraram três pessoas, todas jovens e do mesmo sexo, masculino, um na entrada ficou, outro para a caixa se dirigiu e por último o outro, o mais corpulento, à pequena escada se chegou e daí lançou o pânico: – Rápido, desce daí «abaixo» e trata de dar todo o dinheiro que tens, caso contrário este brinquedo!!! – Mostra discretamente a pistola com silenciador – Olha que isto pode deixar marcas em ambos e ninguém ouvirá nada – agora também olhava para o Carlinhos, enquanto que os outros que não estavam apetrechados

se mantinham em sentinelas nos seus postos e prontos a fazer o que eventualmente e previamente teriam combinado algures. – Não ouviram? Vá lá, despachem-seeee!!! – Foi a vez do *caixa* em voz tão audível e áspera que até ao chefe – ao que parecia – incomodou: – Ó pá e se falasses mais baixo, queres ver isto aqui cheio de gente e nós sermos forçados a fazer asneiras – maneava a pistola, e quando chamava a atenção do parceiro, ouviu-se um estrondo, era o escadote que caía e, juntamente com ele, o António. A confusão e o imprevisto foi tal, que os violentos e inteligentes artistas logo se puseram em fuga, Carlitos foi junto do patrão e ajudou-o a levantar-se, e Graças que nada tinha partido, deslocado, pisado ou esfolado, pois valeu-lhe ter caído sobre um mesa que albergava muitas e variadíssimas revistas. – Está tudo bem contigo, Carlitos?!
– Quis saber o atencioso patrão.

– Isso devo perguntar ao Sr. António, que se estatelou aí nas revistas e longe do chão ficou! Que sorte! Está magoado?

– Felizmente nada – procurava compor-se sacudindo as calças e arranjando a camisa –, isso devo-o ao grito estúpido de um deles que me assustou seriamente, o que me fez desequilibrar do escadote. Olha que se ele não me assustava não se sabe o que poderia vir a acontecer!

– De facto foi a barulheira que fez ao cair que os assustou.

– Logo pensaram que iria atrair a atenção de alguém.

– O Sr. António não vai dar conhecimento à Polícia?

– Pensa um pouco e vê o que daí poderia resultar. Ó Carlos, seria só para perder tempo, olha, de certeza que seria chamado umas três ou quatro vezes e a conversa seria sempre a mesma, procurar saber mais algum detalhe que da primeira

vez tinha faltado. Era tempo perdido, tanto para mim, como para os Senhores Polícias que mais não fariam do que escrevinhar nos computadores.

– Mas assim não sabem da ocorrência e portanto não podem actuar. Eu entendo que o Sr. António devia dar conhecimento!

– Não penses mais no assunto, e já agora, como tudo correu tão depressa e bem, este episódio até vai ficar cá entre nós. Aqui a loja que ande nas bocas do mundo por razões válidas.

– Só mais uma coisa, Sr. António, se me der licença!

– De que se trata Carlitos!

– Eu fixei a cara dos três. O que tinha o lábio rachado já o vi mais do que uma vez numa discoteca onde costumo ir quando o nosso grupo assinala alguma data. Ó Sr. António, não seria uma boa ajuda para a Polícia?

– Por tudo o que acabas de dizer será uma outra razão para ficarmos quietos e calados. Percebeste? Já agora quanto te quiseres referir a uma pessoa que tenha um lábio rachado como o rapaz, procura dizer lábio leporino, caso contrário quem ouve até pode interpretar como uma referência acintosa.

– Eu não sabia que era assim que se chamava, já agora, o que o Sr. António quis dizer com acintosa era com uma maneira ofensiva ou mal-intencionada? É que se era, não é essa a minha maneira de me dirigir às pessoas.

– Isso eu sei, só que quem ouve por vezes não é bem-intencionado como tu, Carlos! Bem, e se continuássemos com o que estávamos a fazer antes das visitas surpresa?

– O patrão manda, mas primeiro julgo que devemos voltar a pôr as revistas em ordem e até aproveitar para lhes dar ou-

tro arranjo.

António, dando-lhe um pequeno mosquete no pescoço, presenteou:

– Estás convidado para comer umas iscas comigo amanhã ao almoço. Sabes o que quero dizer?

– Então, comer umas iscas!

– Parolo, estou a convidar-te para o almoço.

– Não vai a casa?

– Não, amanhã vou poupar trabalho à minha irmã. Amanhã vamos ao restaurante ‘O Discreto’.

– Obrigado, fico muito contente. Eia! A esse restaurante só vai gente importante! Bem, como me está dizer hoje, com antecedência avisarei em casa para não contarem comigo, até vão estranhar, não me lembro de alguma vez almoçar fora de casa em dias de trabalho.

– Muito bem, mas olha que não há gente importante, há gente, pessoas, e que te entre isso na cabeça, mais, o restaurante é um lugar público. Ganha-me juízo e vamos lá às revistas.

António – o filho mais velho, 61 anos, solteiro e a viver no mesmo prédio onde a sua irmã, 58 anos, a mais velha das raparigas, casada e com filhos, ocupava o andar superior ao seu, o terceiro e último do imóvel. Da independência de que usufruía, ela, a independência, acabava por ser quebrada porque era na casa da mana que fazia as refeições e da sua empregada também beneficiava para o arranjo e limpeza dos seus aposentos mas quanto a despesas ninguém ficava a perder. Quanto ao seu relacionamento com a mana, esse foi desde sempre muito próximo e assim continuou mesmo depois que ela casara, tendo mesmo ambos optado pela escolha de habitações próximas, já que a relação com o cunhado era excelente. Era filho de um regedor e professor primário e de uma senhora que toda a sua vida se dedicou à casa e aos mais 8 filhos que tiveram, três raparigas e mais cinco rapazes, o mais novo é uma rapariga que tem agora 28 anos, todos estão casados e António tem 21 sobrinhos, e ao contrário do que consigo se passara, com a obtenção, só, dos estudos elemen-

tares, frequência até ao terceiro ano num Colégio (hoje já não existe) localizado numa das muitas freguesias da capital, até foi um pouco mais além do que a lei ‘impunha’, cedo se tornou comerciante, depois de uma curta passagem pelos serviços administrativos do Núcleo de Saúde da Freguesia de que seu pai era mandante, todos os seus manos tinham tirado os seus cursos, uns de grau médio outros, superior, seja a curiosidade: enfermagem, advocacia, história, contabilidade (2), desenhador, regente agrícola e engenharia mecânica, e ainda uma outra curiosidade, e caso raro, é que todos são rui- vos e muito sardentos (e agora também alguns dos sobrinhos o vinham atestando), era uma hereditariedade da mãe que os fazia diferenciar de qualquer outra família, era um verdadeiro caso, «tipicamente», *sui generis*, até são cognominados de – os ruivalhados – no entanto, quando dessa maneira a eles se referem, jamais se ofendem, todos se entendem de forma exemplar e aos olhos do alheio é motivo de grande admira- ção, têm a particularidade de sempre numa ocasião do ano se reunirem todos, ocorre na quadra da Páscoa, e isso já acontecia ainda seus pais eram vivos, só motivos de força superior os invalidam de comparecer, são três dias (de sexta-feira santa ao domingo de Páscoa) do maior convívio, e sempre na ca- sa dos pais, que herdaram, e que nunca deixaram de manter conservada e arrumada, de maneira que qualquer evento que para lá se programe possa decorrer sem qualquer percalço e dentro da maior comodidade e conforto, acordaram que do imóvel nunca haveriam de se desfazer.

Tinham terminado o arranjo da banca das revistas, agora mais apresentável e funcional, e voltaram à continuidade do trabalho que tinha sido interrompido por imprevisto tão la- mentável.

Carlos fez uma pausa no avanço da livralhada e olhou o patrão, que logo o interpôs:

– Que se passa, Carlitos? Por acaso estou a fazer algo de errado ou notas algo em mim de importante?

– Não é nada... é que eu... bem... eu queria pedir ao Sr. António para hoje me deixar sair uma hora e meia mais cedo. Autoriza?

Houve um curto silêncio e António quis ser indiscreto e questionou o seu empregado:

– Passa-se alguma coisa, tiveste algum problema? Julgo ser a primeira vez que demonstras tanto embaraço para fazeres um pedido.

– A razão é muito simples, precisava desse tempo para fa- zer uma pequena revisão à matéria sobre a qual vou ter uma

frequência e não gostava nada, mesmo nada de tirar uma nota baixa. Ó Sr. António, é só esta a razão!

– Bem, fosse a razão que fosse o teu pedido era satisfeito, bem sabes que estou sempre disposto a apoiar-te e, sendo essa a razão, nada mais é preciso dizer, quando vires chegada a hora, toca a mexer e bem descontraído.

– Obrigado! Quanto ao meu embaraço ele é bem justificável e traduz-se pura e simplesmente no facto de que se há sítio onde estou bem é aqui dentro, gosto mesmo muito do trabalho que faço e a companhia e atenção que tenho desfrutado por parte do Sr... só têm contribuído para esse bem-estar.

– É gratificante ouvir essas palavras, resta-me desejar que te sintas sempre à vontade e que esse bem-estar perdure.

– Como o Sr. António bem sabe, este deverá ser o último ano na escola, se tudo correr como o planeado devo terminar o que já considero como essencial e indispensável e que vai ao encontro dos objectivos traçados, terminar o 12º ano. Depois de alguma instabilidade sofrida lá por casa, sabe, a fartura não tem sido muita, mas, agora, tudo parece vir a melhorar, e bem, felizmente. Concluir o 12º já será motivo para ficar satisfeitosíssimo, hoje só sinto uma certa pena por não ter resolvido fazê-lo um pouco mais cedo, apesar de ter aproveitado para tirar o meu curso de informática, ainda que de grau médio, mas ajudou para poder mexericar com desembaraço no computador. Tendo os estudos desejados e um trabalho que me satisfaz, que mais posso desejar?

– E concluídos à noite, estás de parabéns! Estás com 29 anos, não é?

– É verdade, e já cá trabalho vão uns 13 anos.

Carlitos, – oriundo de uma família simples e muito modesta, o pai é marceneiro e a mãe continua na Escola de Ensino Básico da terra, um edifício com paredes-meias com o edifício onde habita, um rés-do-chão, tem três irmãos mais novos do que ele 14 anos, e foi precisamente pelo nascimento dos três gémeos que Carlos se viu de certo modo «forçado» a interromper os seus estudos quando terminou o 5º ano, só haveria de os retomar quase 11 anos mais tarde, como aluno-trabalhador, e enveredar pelo mundo do trabalho tendo começado pela empresa onde o pai trabalha e por aí andou quase um ano, mas por vontade da família, depressa deixou os formões porque logo se preocuparam na procura de uma profissão mais em conformidade com as suas capacidades intelectuais, que cedo começaram a ser demonstradas na escola, e foi precisamente como muitas das vezes acontece, de facto foi durante um trabalho na casa do Regedor em que o pai foi parte interveniente, que ele foi falado, e aí deu-se o «contrato laboral», aconteceu que daí até então o filho do governador

tem sido o seu patrão, é uma pessoa ainda isenta de quaisquer compromissos com o feminino, muito interessado por tudo o que versa a área da cultura, muito em especial as letras, lê bastante e diversificado na temática, entusiasta pelas novas tecnologias, bichinho, como muitas vezes diz, que o infectou um amigo, esse sim um *expert*, não fosse o facto de leccionar num Estabelecimento Superior disciplinas relacionadas, desprendido na forma de vestir e de estar, de um trato extremamente afável que cativa o ser mais esquisito ou de temperamento mais colérico, pessoa com elevado poder persuasivo aliado ao excelente conhecimento do que uma livraria deve exigir dos seus funcionários, ou seja, e principalmente, conhecer o melhor possível os livros de que dispõe, e aqui inclui-se o nome dos seus autores, bem como, conhecer-lhes o melhor possível os seus conteúdos e ainda procurar acompanhar o progresso de outras publicações.

A uma hora e trinta minutos do cumprimento do seu horário, já que para o público haveria mais trinta minutos, mas esses eram cumpridos só por António, Carlitos despedia-se:

- Então até amanhã!
- Até amanhã, e é favor não esquecer o que disse ao princípio da tarde! – Respondeu a sorrir António.
- Esteja descansado que vou descontraído, isto agora vai tratar-se de despertar a memória porque o estudo já está mais que feito. Obrigado, Sr. António! – Saiu sorridente.

António, que estava atender uma sua cliente habitual no momento da «despedida», ficou como que apático a olhar para a porta deserta, e só um levíssimo tossicar da freguesa o despertou para as suas obrigações:

- Desculpe-me o comportamento! – Foi o que encontrou para a lacuna que de imediato mereceu o reparo/resposta:
- Até que percebo a reacção do Sr. António e comprehendo! Um pouco atrapalhado com o que ouvia, foi instantâneo:
- Como assim?!

– Então não é magnífico testemunhar-se uma relação tão franca e amistosa entre patrão e empregado?! Olhe, Sr. António, o Senhor tem uma preciosidade a trabalhar cá dentro, aliás toda a gente reconhece o excelente empregado que a Livraria tem.

– É tal e qual como diz, olhe que nunca tive o menor reparo a fazer ao Carlitos, é assim que o trato desde o primeiro dia que para cá veio – disse-o com um ar de sã satisfação, ao mesmo tempo que servia.

– Conheço o pai pelo trabalho que nos fez lá para casa e dele guardo a recordação de uma pessoa extremamente educada – foi a última frase que pronunciou, pois já recebia o troco do pagamento efectuado pela compra de um dicionário de Francês – Francês, um *Larousse de Poche* para a filha, pelo que disse e de acreditar.

Antes de a cliente já servida se retirar, António ainda acrescentou:

– Antes de se retirar, e uma vez que teve esse considerando, deixe-me dizer-lhe algo mais, é assim, uma parte do que ele é, a maior parte, assim é que deve ser dito, claro que me estou a referir ao seu carácter, à sua maneira de ser, vem lá de casa, da educação e do aconchego que teve, apesar das carências várias por que passaram, e o que disse do pai é um pequeno exemplo, o resto vai-se adquirindo e aperfeiçoando ao longo da vida. Para uma casa ser sólida tem que começar por ter uns bons alicerces, depois é o jeito, habilidade e sentido de responsabilidade de quem acaba a obra. Desculpe toda esta lengalenga mas julguei-a apropriada e muito oportuna, uma vez que também se pronunciou.

– Concordo com o Sr. António e também gostei do que ouvi. Um bom fim de tarde! – A cliente acenou com a mão livre do *Larousse* e retirou-se.

António, satisfeito com a pequena conversa, voltou ao trabalho e assim se manteve até às dezanove horas e trinta e alguns minutos, hora de encerrar no Inverno, já que na época de Verão as portas encerram às 20 horas, a meia ou a uma hora a cumprir era sempre da sua conta, uma vez que o horário do empregado eram as sete horas (o que por iniciativa própria de Carlitos raramente se cumpria, indo assim para além do acordado), abria às 10 horas até às 12 horas e 30 minutos e reabria às 14 horas e 30 minutos.



JOSÉ CASTRO FERREIRA-PADRÃO

PERSPECTIVA

Edita.me